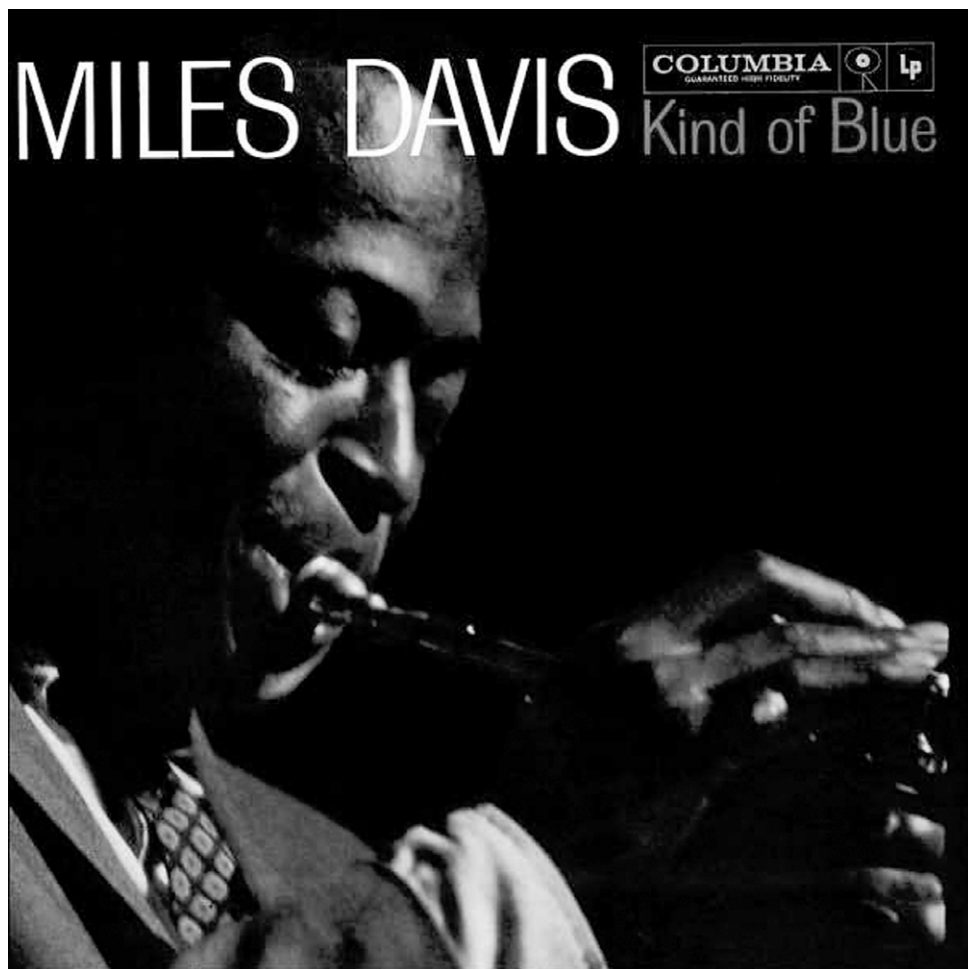


A MARCA DO JAZZ

S 21



O jazz é feito de marcas. De marcas registadas. De marcas que deixam registos eternos, que nunca hão-de abandonar as lojas de discos nem as discotecas caseiras dos melómanos loucos. Não podemos pensar, por exemplo, o be-bop sem a marca Charlie Parker, ou o jazz de vanguarda sem as marcas Ornette Coleman, John Coltrane, Sun Ra, Anthony Braxton ou John Zorn. As marcas de jazz são, por isso, incontáveis. As marcas do jazz, também. Contudo, há um nome, uma enorme marca de jazz, que parece incorporar toda a dinâmica musical e estética desta linguagem. Essa marca, esse estupendo nome do jazz, chama-se Miles Davis. Miles Davis, o *bop-man*, o inventor do *cool* (*Birth Of The Cool*, um dos colossais e seminais álbuns de jazz de sempre), o genial compositor e trompetista de jazz, o visionário, o esteta... a marca do Jazz.

Kind Of Blue, lançado em Agosto de 1959, é uma marca inconfundível do jazz, mais precisamente do jazz modal, técnica que consiste num conjunto ordenado de intervalos musicais, em detrimento da progressão de acordes e é, também, uma marca inconfundível da discografia de Miles Davis. Para além de Davis no seu excelso trompete, acompanham-no em estúdio Julian "Cannonball" Adderley, no saxofone alto, John Coltrane, no saxofone tenor, Bill Evans, ao piano, Paul Chambers, no contrabaixo e Jimmy Cobb, na bateria.

Este sexteto (que na formação original era apenas quinteto) haveria de

ficar para a história do jazz, como um dos mais bem sucedidos de sempre. Durou praticamente oito anos e foi com ele que Miles Davis gravou os discos *The New Miles Davis Quintet* (1955), *Cookin'* (1956), *Relaxin'* (1957) e *Milestones* (1958). Esta super banda sofreria apenas pequenas alterações, com entradas e saídas esporádicas dos músicos e seus respectivos papéis (instrumentos). O sexteto ficou conhecido, não só pela sua mestria e desempenho, como também pela capacidade de criar espaços melódicos para a criatividade do mestre Davis, inventando, com estes músicos de excepção, o já referido jazz modal, uma escola dentro do universo de aprendizagem do jazz.

Kind Of Blue é considerado um disco standard de jazz, uma espécie de iniciação ao termo, se quisermos. Todo ele é impregnado de estética improvisacional de fino recorte, com as linhas de baixo e piano em diálogos de sincronia irrepreensível (*All Blues*), o trompete de Davis voando ligeiramente por cima destes diálogos, com humildade e melodicamente arrebatador (*Flamenco Blues*). É habitual afirmar-se que, se não se gosta de *Kind Of Blue*, não se gosta de jazz. Até certo ponto compreende-se perfeitamente a afirmação. *Kind Of Blue* é um disco sereno, produzido e inter-

pretado com mestria, que tanto pode (e deve) ser ouvido com auscultadores, como servir de ambiência sonora num qualquer bar que sirva *whiskey* e cerveja Guinness. *Kind Of Blue* é excelso e único e isto serve para dizer tudo. É uma das maiores marcas de jazz alguma vez compostas.

A edição do 50.º aniversário do registo de Davis, lançada em Setembro do ano passado, é também uma *master piece*, contendo um poster, memorabilia, um livro, um disco em vinil, um DVD com a história das gravações do disco, e dois CD. O primeiro contém o registo original de *Kind Of Blue* e o segundo oferece-nos material raro das sessões de gravação, incluindo a primeira sessão de gravação pelo sexteto de Miles, entre outras preciosidades, numa edição de luxo e esteticamente cuidada, para guardar para a eternidade como uma das maiores marcas lá de casa.

Luís Antero

Miles Davis, *Kind Of Blue*, Columbia/Legacy, 1959
Miles Davis, *Kind Of Blue*, 50th Anniversary Collectors Edition, Columbia/Legacy, 2008





Passados 40 anos sobre o acontecimento de Woodstock, quase tão estranho e famoso como o acontecimento de Roswell, o conceito de "Festival de Música" reveste-se hoje de uma série de acessórios que transcendem a sua essência, que é a música.

Woodstock não foi o primeiro, nem o melhor, nem o maior festival musical da história. No entanto, corresponde, na memória colectiva, que é fraca e pouco selectiva, ao próprio conceito de festival musical – muita gente, muita confusão, muito sexo, drogas e rock'n'roll.

Ora bem, back in the summer of 2009, tivemos festivais de verão em Portugal, muitos! Há o Festival do Marisco em

Olhão, o Festival da Sardinha em Portimão, o Festival Acordado de Oeiras, o Festival da Cerveja do Restelo/ Bessa, a Colónia de Férias do Sudoeste Alentejano e ainda as Festas Municipais de Vila Nova de Gaia, só para referir os festivais tradicionais. A estes juntam-se vários que todos os anos apresentam as suas primeiras (e únicas) edições. O objectivo destes acontecimentos é atrair pessoas com música, comes&bebes, divertimentos e brindes, aliená-las durante um período compreendido entre um e quatro dias e cobrar o respectivo custo dessa alienação, que varia mas é sempre significativo. As semelhanças entre estes acontecimentos e o tal festival de Woodstock ficam-se pela denominação de

origem (não controlada como os vinhos, nem protegida como o bucho de Arganil) – são Festivais.

Além dos referidos, sobram mais uns quantos que apresentam uma característica diferenciadora e que os aproximam mais do conceito original do Woodstock Music & Art Fair – verdadeiro nome do evento, ou seja, uma sucessão de eventos artísticos onde a música ocupava o lugar principal. Formatos específicos como o Festival de Músicas do Mundo de Sines (também já franchisingzado) ou generalistas como o Festival de Vilar de Mouros (de periodicidade irregular desde 1971 e com mais créditos passados do que actuais) e o Festival de Paredes de Coura (anual desde 1993, considerado pela comunicação social como um evento de culto (!)), parecem manter uma política em que o que se oferece é de facto música. Mas será isso possível, numa altura em que o mercado/público exige justamente entretenimento em vez de Music & Art? E o cliente tem sempre razão, certo? Pelo menos para o merceeiro...

Ainda me consegue surpreender o facto de entrar num recinto para assistir a um concerto de uma banda alternativa e ver um stand de automóveis (Festival Marés Vivas/ Festas Municipais de Vila Nova de Gaia, 2009). Isto é assumir definitivamente que a música não é o móbil da reunião, mas apenas mais um motivo para ir à festa, ao mesmo nível dos carinhos de choque. Considera-se então que o futuro próximo destes festivais será algo do género da ExpoFacil, onde existe divertimento para toda a família, comes&bebes, e ainda sofás, lareiras ou bicicletas. Mais grave ainda é esta situação, porque mesmo relativamente ao tal festival de culto as organizações que asseguram a logística chegaram a um

ponto de profissionalismo tal que mete nojo, por matar a espontaneidade das situações – ou seja, teremos muito sexo, sim, eventualmente; muita droga, sim, eventualmente; mas muito rock'n'roll só mesmo na recordação.

Por já ter idade para poder exhibir alguma nostalgia, mas também por ainda assistir ao entusiasmo que um miúdo de 16 anos demonstra quando se prepara para assistir ao seu primeiro concerto onde vai finalmente assistir a um concerto da sua banda preferida, recuso-me a acreditar que ainda existam festivais de Verão. Rejeito que num festival musical um artista não tenha condições para tocar (Legendary Tiger Man, este ano no SW). Rejeito ser bombardeado com publicidade e exijo antes ser contagiado por uma sensação de partilha ou comunhão, algo que todas as pessoas presentes num determinado local, a determinada altura, possam testemunhar e recordar, como em Paredes de Coura, em 2004, quando a chuva foi tanta que das 20.000 pessoas esperadas estariam talvez umas 3000 no recinto noite após noite – mas estavam!! Foi provavelmente a melhor edição de sempre, porque? Pelas prestações dos artistas? Pelo rendimento que trouxe ao comércio local? Pelo retorno que garantiu aos sponsors? Obviamente que não, mas só quem lá esteve é que sabe... Aproveito também para exigir bifanas e vinho tinto nas zonas de restauração que são, em tudo, iguais às do shopping mais modernaço da cidade. Alguém se lembra do Festival de Arcos de Valdevez (edição única, 2000)? Não me lembro de lá ter visto restauração nem chuveiros... e foi seguramente o melhor festival a que fui.

Não me interpretem mal, gosto de chuveiros, mas gosto mais de música.

Nuno Santos

LEMBRAM-SE?

1980 DECADES 2001
Homenagem a Ian Curtis/ Joy Division

1 de Junho de 2001 22.00 H
Bar Toca da Raposa
Cruzamento Meruge
Oliveira do Hospital

PROGRAM

22.30h	"Here comes the young men..." - Joy Division live
23.10h	Luis Antero
23.20h	Manchester Tropical
23.50h	José Vieira
24.00h	The Xmas Man
00.15h	Manuel Machado
00.20h	Flávio Martins
00.30h	Aqueles tipos que vão tocar o "Decades"
00.50h	Anita Gunn
01.00h	The Maze c/ Helena Dias/Cláudia Correia (pintura ao vivo)
01.30h	House of Dolls

ORGANIZAÇÃO A P O
O.H.SXXI CopiArte R & R SOM

www.em-vendasnovas.pt

3º Festival de Gastronomia
artesanato e produtos locais
Vendas Novas

2º Festival da Bifana
16 a 18 de Maio de 2008

Logo of a man in a white shirt and black vest.

Logos: SN, FEIRA, MONTERRAS, mapa

Logos: Toca a Rufar, BOSS AC, Outra Margem

UTOPIA E EUROS EM ESCÁRNIO

Economia é a ciência que estuda a produção, distribuição e consumo de bens e serviços. O termo economia vem do grego oikos (casa) e nomos (costume ou lei), daí “gerir a casa” ou “regras da casa”.

E agora imagine-se que a economia, em vez da ciência “gerir a casa”, transforma-se na ciência de otimizar o lucro (imaginação pura...). Mas para falar no lucro convém saber o que é ele, na realidade. O lucro da gestão económica é o retorno positivo de um investimento por alguém feito.

Parece simples não é verdade? Então simplifiquemos ainda mais as coisas:

Há necessidade de gerir uma casa quando esta tem tudo o que precisa (e não precisa) em larga abundância? Claro que não, não há necessidade de qualquer tipo de gestão ou, como já se advinha, a economia é desnecessária.

Darei um exemplo: porque não pagamos o ar que respiramos? Não o pagamos porque este existe em tamanha abundância que não faria sentido vendê-lo, já que todos a ele podemos ter acesso, pelo que igualmente absurdo seria tentar que alguns ficassem privados deste bem, para que fosse possível vendê-lo.



Desta forma é possível verificar uma cousa: o lucro depende da abundância e da necessidade. Quanto menor for a abundância, maior será o lucro (e é por esta razão que há diamantes que nunca chegam a entrar no mercado...).

Em suma: a necessidade de gestão de recursos escassos criou a economia que, por sua vez, compreendeu a possibilidade de fomentar o lucro.

Hoje em dia imagine-se que havia comida suficiente para toda a

gente e que a fome no mundo poderia ser extinta graças à modernização da agricultura (imagine-se!). Então deixaria de ser necessário comprar comida. E que problema tem esta bela utopia? É simples: se deixasse de ser necessário comprar comida, as pessoas iam também deixar de a vender, coisa que poderia ser entendida como trabalhar para aquecer. Enfim, é difícil provar que o Ser Humano seja realmente inteligente (espero que me tenha feito entender...).

Post Scriptum: cousas mais absurdas do que o ordenado do Cristiano Ronaldo, apenas as crises de super-produção como a de 1929, que esteve na origem da grande depressão dos anos 30, em que a abundância fez acumular os stocks e baixou os preços, destruindo o lucro... E depois que se fez? Destruíram-se os stocks para recuperar a escassez miserável em que o povo deve viver para que o objectivo último, **o lucro**, seja viável.

André Duarte Pereira

Aviso à navegação

Perspectivam-se duas novas secções para o S_21, uma das quais surge já neste número. *Frase Real* será isso mesmo - uma frase ouvida algures por esse Portugal, portadora de um sentido de humor, um pensamento filosófico (mesmo que seja filosofia de al-gibeira) ou, pura e simplesmente, de uma carga de ridículo capaz de nos fazer pensar ou sorrir. A responsabilidade do espaço é de Vitor Neves.

A segunda secção depende dos escritores escondidos que pululam por esta Terra. Destina-se à publicação de texto livre (prosa ou poesia) e fica à espera daquilo que quiserem submeter à apreciação impiedosa dos leitores do S_21. Basta mandar para s.21.ohs@gmail.com e... ficar à espera.

fRASE REAL

«No Alentejo há de tudo, mas pouco.»

Resposta de um patusco jovem empregado de uma típica tasca Alentejana após ter sido interrogado se o estabelecimento tinha ar condicionado.

Évora - Agosto 2009

em directo...

3 PISTAS

LETRAS

SONS

IMAGENS



É caso para dizer: ai que prazer, ter um livro para ler e é o que vou já fazer!

Este livro curioso sobre os melhores 10 segundos das nossas vidas não seria, supostamente, para intelectualizar... mas esta *História Íntima do Orgasmo* é interessante porque analisa a visão do orgasmo ao longo da história da civilização. Como o seu próprio autor diz “apesar da sua importância como ícone em quase todas as culturas e países do mundo, nunca se produziu uma tese definitiva sobre o orgasmo – sobre o pouco que se conhece da sua história altamente secreta, da sua biologia, antropologia, psicologia, tecnologia e sociologia, sobre o seu papel cultural e a sua literatura. Por essa razão, escrevi este texto, além do facto de gostar muito de orgasmos”.

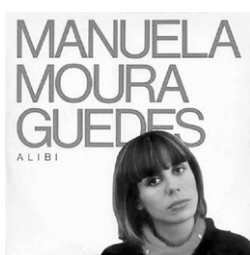
Ao traçar a biologia do orgasmo, o autor descreve a história secreta, tanto do orgasmo feminino como do masculino, desde os nossos antepassados das cavernas até à era do Viagra, fazendo referência ao acto sexual como forma de compreender alguns tipos de cultura, religiões e grupos sociais e contextualizando as suas referências como no seguinte excerto:

“Neste ponto, trinchamos a carne ainda mais escura da sexualidade vitoriana. A mentalidade masculina da classe média, sexualmente faminta (...) não pode deixar de sonhar com a terrífica mas tentadora oferta que a prostituição proporcionava. Mulheres pobres das cidades, camponesas de faces rosadas e criadas baratas em abundância, todas elas eram, aos olhos do homem vitoriano, potenciais prostitutas. Eram o equivalente do século XIX às bruxas que assustavam e fascinavam na Idade Média.”

Leiam e deliciem-se!!!

Ana Sales

A História Íntima do Orgasmo, de Jonathan Margolis, Editora Bizâncio, 2005



menos uma década e do qual, até agora, apenas possuía uma gravação guardada numa velha cassete – *Álibi*, de Manuela Moura Guedes.

Como dizia outra figura do jet-set, não há coincidências, e, por uma vez, decidi falar de um álbum gravado há mais de um quarto de século e que é um dos segredos mais bem guardados da música portuguesa.

Na sua breve passagem pelo mundo da música, Manuela Moura Guedes andou sempre bem acompanhada. No single que antecedeu o álbum, *Flor Sonhada / Foram Cardos Foram Prosas*, foi Miguel Esteves Cardoso, que escreveu as letras, e Ricardo Camacho (Sétima Legião), que compôs. Em *Álibi*, todas as letras foram escritas por Rui Reininho e a composição musical ficou a cargo da dupla Toli/Vitor Rua, músicos que integraram ainda a banda de estúdio que gravou o disco. Ou seja, da formação que gravou *Independanças*, o primeiro e mais provocador álbum dos GNR, apenas ficou de fora Alexandre Soares e Miguel Megre.

Este álbum semi-esquecido, que no ano passado foi reeditado em CD, merece figurar entre os melhores gravados em Portugal, e transcende em muito a curiosidade de ver uma figura da TV a cantar. O som reflecte toda a dose de novidade e gosto pelo risco que respirava a melhor pop portuguesa dos anos 80, nomeadamente a mais directamente influenciada pela *new wave*; os poemas inserem-se do jogo de espelhos, pleno de segundos sentidos, que caracterizava as letras escritas por Rui Reininho (como se confere em *Violetango*, *Cocktail Party* ou *Um Óscar*); a voz de Manuela Moura Guedes, não nos abismando, apropria-se do que canta e revela gosto pela sua função. No fundo, *Álibi* é aquilo que existe de mais próximo da experiência de ouvir os GNR com uma voz feminina. A edição em CD inclui o single *Flor Sonhada*, que não constava da versão original.

Moura Guedes será culpada ou inocente das acusações que lhe lançam? Inclino-me para a primeira hipótese. Mas a verdade é que desde há muitos anos que ela tem um bom *Álibi*.

Artur Abreu

Manuela Moura Guedes, *Álibi*, 1982



Quando um aluno alertou Hegel de que a sua teoria da Dialéctica, com que pretendia explicar o devir da História desde os seus primórdios, não permitia enquadrar alguns acontecimentos históricos marcantes, o filósofo terá respondido: “Tanto pior para a História”.

Para o primeiro “filme de época” que realizou, Quentin Tarantino terá pensado o mesmo – isto é cinema, que se lixe a História. *Sacas Sem Lei* faz gato-sapato da realidade histórica (sim, há personagens históricas para quem o filme constrói um novo destino) e torna-se num fabuloso postal ilustrado em que o realizador inscreve todo o seu imenso amor (e erudição) pelo cinema.

E fá-lo apoiado em duas imagéticas cinematográficas distintas, que proporcionam dois níveis de leitura diferentes. A encenação tem por base, mais uma vez, todo um conjunto de referências do cinema popular e de género, do gore ao filme de espionagem, do filme de guerra ao western (quantas vezes vimos cenas como a de abertura, em que, perante a aproximação “dos índios” ou “dos pistoleiros”, um personagem manda que as mulheres ou as crianças do seu grupo se refugiem em casa?). Em simultâneo, no entanto, emerge o enorme desfile de referências e citações de perfil mais clássico, da obra de Leni Riefenstahl à recriação do plano mais citado de *A Desaparecida* de John Ford, da memória de Lubitsch ao agradecimento à geração do Cahiers do Cinema, camuflada no elogio que Shoshana/Emanuelle (até este nome soa a homenagem) faz ao espírito aberto com que os franceses sempre aceitaram o cinema do mundo. E no fim, é a própria película de filme (dos filmes dentro do filme) que serve de arma final no triunfo dos “bons” e é numa sala de cinema que se resolvem as histórias (tanto a do h minúsculo como a do maiúsculo).

Inverosímil? Como lembrava o grande Bénard, “it’s only a movie”.

Artur Abreu

Sacas Sem Lei, Quentin Tarantino, 2009

BREVES CULTURAIS SEMPRE ACTUAIS

Bunnyranch editam nos EUA. A estreia da banda de Coimbra nos Estados Unidos da América acontecerá com o álbum *Teach us Lord How to Wait*, que em Setembro sairá num CD único. Em Portugal a edição foi repartida por dois EP’s. A caixa da edição de *Teach us Lord...*, produzida por Boz Boorer, reservava desde logo espaço para guardar *How To Wait*, produzido por Ivan Julian e disponibilizado apenas alguns meses depois.

Beck não pára de surpreender. Há umas semanas foram aqui referidos dois novos espaços que o músico californiano tinha criado no seu site – o Planned Obsolence, onde é lançado um DJ set semanal; e o Record Club, que apresenta a regravação integral de um álbum seminal da música pop, à razão de um tema por semana. Daí para cá o www.beck.com não parou de surpreender. Em Irrelevant Topics são colocadas longas conversas entre Beck e convidados, em que falam “sobre tudo e sobre nada” – Tom Waits e Will Ferrell já passaram por lá. Em Videotheque têm

sido colocados clips de presenças em programas de televisão, actuações ao vivo ou outras raridades. Ah!, e no Record Club já está um novo álbum – *Songs of Leonard Cohen*, em cuja gravação participaram Devendra Banhart, os MGMT e músicos dos Wolfmother e Little Joy, além do próprio Beck.

Músico/actriz é a tendência musical dos próximos meses. São pelo menos duas as duplas anunciadas para os próximos meses e que suscitam uma curiosidade especial – Pete Yorn com Scarlett Johansson e Beck com Charlotte Gainsbourg. A parceria entre Yorn e Johansson foi gravada ainda antes da auspiciosa estreia discográfica da atriz em 2008 e inspirou-se nos discos gravados nos anos 60 pela dupla Serge Gainsbourg / Brigitte Bardot, também um músico e uma atriz. O resultado encontra-se em *Break Up*, disco que é editado já este mês. Para Janeiro, está marcada a saída de *IRM*, fruto de outra parceria interessante, entre Beck e Charlotte Gainsbourg (filha de Serge, curiosamente). Tal como

acontece com Scarlett, esta também não será a estreia discográfica de Charlotte, que editou 5.55. em 2006.

Telediscos regressam ao YouTube. O maior portal de partilha de clips do mundo tinha suspenso a publicação de vídeos musicais oficiais desde há seis meses, após a exigência de aumento de pagamento apresentada pela Performing Right Society (PRS), entidade representante dos direitos dos artistas. A remoção de clips tinha partido de uma iniciativa do próprio YouTube e o seu retorno surge na sequência de um acordo milionário entre o site e a PRS que vigorará até Junho de 2012. De fora continuarão vídeos de artistas como Madonna ou Muse, devido à disputa que o site mantém com a Warner.

Corto Maltese enche parede de Bruxelas. O marinheiro criado por Hugo Pratt, protagonista da que muitos consideram a melhor série de banda desenhada de sempre, vai ocupar uma parede de 80 metros em Bruxelas, naquele que será

o maior mural da Bélgica e um dos maiores da Europa. A pintura estará dividida em quatro painéis e situa-se junto ao canal da cidade, no local onde no Verão é criada uma praia artificial.

Sandokan de Hugo Pratt chega às livrarias francesas. A adaptação do personagem criado por Emílio Salgari para banda desenhada era desconhecida até 2008 e foi fruto de uma encomenda feita ao criador de *Sargento Kirk* pelo Corriere dei Piccoli, suplemento infantil do diário italiano Corriere della Sera, nos final dos anos 60. Nunca chegou a ser acabada e manteve-se no anonimato até à sua descoberta pelo jornalista Alfredo Castelli. Supõe-se que Pratt abandonou o projecto devido ao sucesso entretanto alcançado pela publicação de *Corto Maltese*. A edição francesa de *Sandokan* sucede à publicação em Itália, que ocorreu em Maio passado.

Heróis da Marvel vão lutar pela Disney. A casa de onde saíram personagens universais como Mickey,

Donald, Tio Patinhas e Pateta, que já é a proprietária da Pixar (*Monstros e Companhia*, *Ratatui*, *Wall-E...*) irá assim tornar-se proprietária de um portefólio de super-heróis sem comparação no mundo inteiro. A Marvel é a detentora dos direitos de mais de 4700 personagens, entre os quais o Homem-Aranha, Hulk, X-Men ou Demolidor. Aquela que também é conhecida como “A Casa das Ideias” produziu também muitos dos filmes editados na última década com estes personagens e publica mensalmente dezenas de títulos de revistas com as aventuras dos seus heróis.

Diogo Morgado vai contracenar com Al Pacino. O actor português vai ser José no filme bíblico *Mary, Mother of Christ*, onde irá encontrar Al Pacino, Peter O’Toole e Jonathan Rhys Meyers. Realizado por James Foley, a longa-metragem irá centrar-se nas figuras de José e Maria antes do nascimento do seu filho Jesus. Revelado com o telefilme *Amo-te Teresa*, Morgado foi objecto de atenção redobrada com *Salazar, a Vida Privada*, onde interpretou a figura do ditador português. Agora chegou a vez da internacionalização, com um filme que estreará em 2010.